

# ONDJAKI

QUANTAS MADRUGADAS  
TEM A NOITE

*Romance*

3.<sup>a</sup> edição

**CAMINHO**

*outras margens*

autores estrangeiros de Língua Portuguesa 28

---

# Índice

As primeiras ngalas.....	13
Morte morrida, de pessoa .....	33
Pôr do sonho .....	59
O não julgamento e outras esquindivas .....	83
Nos brilhos da madrugada .....	109
Missa de corpo ausente .....	137
Morte matada, de cão.....	165
A outra margem .....	185
Glossário .....	199

---

## As primeira ngalas

Uatono, mona: ku Alunga, ku eniê kumona.  
Anga: Uatono, diá: kubadikinya kîma ki nangiê.

*Provérbio kimbundu*

[*Estás acordado, vê: no Além não há vistas.  
Ou: estás acordado, come: o pestanejar é coisa breve.*]

Sabes o que é não sentir o coração e sentir o coração, tud'uma batida só, sangue leve no peito e lágrimas limpas a escorrer? Faz conta foste na pesca, rede e tudo, e em vez do peixe grande meteste a rede na água e te veio uma nuvem? Se é impossível? Eu sei lá, avilo, eu sei lá... Desde candengue que ando então a ver as nuvens dançar nas peles do mar, e me pergunto: assim calminho, liso tipo carapinha com desfrise, o mar não tem as nuvens dele também? De onde eu venho é muito longe, por isso, juro mesmo, nasci de novo. Vou te confessar: espanto é só aquilo que ainda nunca tínhamos vivido com a nossa pele!

Avilo, desculpa tanta filosofia, o que tenho é sede mesmo.

Num tenho dinheiro, num vale a pena te baldar. Mas, epá, vamos só desequilibrar umas birras; sentas aí, nas calmas, eu te pago em estória, isso mesmo, uma pura estória daquelas com peso de antigamente, nada de invencionices de baixa categoria, estorietas, coisas dos artistas: pura verdade, só acontecimentos factuais mesmo. A vida não é um carnaval? Vou te mostrar alguns

dançarinos, damos e damas, diabo e Deus, a maka da existência.

Porra, deixa te perguntar ainda: uma carraça pode matar um gajo?

Ai, tás a rir?! E só vais na primeira ngala... Ouve só bem a pergunta, porque duma pergunta é que tudo pode começar. Calma, vou-te explicar tudo, o tintim pelo tintim, temos a tarde toda e se for preciso, tu sabes, depois da tarde vem a noite, nada de pressas que estômago não gosta disso, conselho da médica amiga do mô amigo Burkina. Gala só, isso é nome: Burkina?! Num ri só assim no outro que você num conhece, bom homem então, grande mô camba de todas aflições deste mundo e do outro, é verdade, porque eu mesmo aqui que estou, junto contigo, teus sorrisos, tua assistência, teu cumbú, tuas birras, eu mesmo é que posso falar do outro mundo. Tem razão, desculpa tanta confusão então; vamos iniciar os primeiros tintins.

O caso do Cão primeiro, quer dizer, não vou poder falar do Cão sem falar da dona também, mas suponho: o Cão, que não era um cão, mas *o Cão*, uma besta, grande animal de mangonha e sono, todos dias, o muadiê habitava a melhor parte do cubíco então, num acreditadas? Porra, se tás a pensar que tou grosso, podes tirar o cabrito da chuva! Isso num tem nada a ver com os poderes do álcool, não vale a pena te espantares já, guarda pra mais tarde então, vem aí coisa de muito mais, mais-mais, o muito-mesmo.

Inda escuta: o Cão vivia numa casa, puramente acomodado, e a kota, não vale a pena estarmos mais a falar outros nomes, só o nome do meu grande camba Burkina já tavas a rir, a kota é uma porreira, lhe conheço desde candengue, tempos idos — meus cabelos todos dias me avisam. A kota e o Cão, assunto que nem vale a pena lhe puxar, a kota desvia o olhar, vai na varanda

dela. Varanda dela, muadiê, nunca viste: abelhas! Ché, grande ideia da kota, agora num faz nada, as abelhas trabalham pra ela, não deste isso na escola?, as abelhas: as operárias, as parteiras, as carregadoras, guarda-as-costas e tudo já, só pra uma abelhazinha, quer dizer, abelhazona, a rainha? Pois então, é isso, a kota foi mais viva, abateu a pura rainha e hoje? Hoje? Respeitada, muadiê, a kota é a pura rainha das abelhas dela, num te conto, muito respeito. Já vi pessoa falar com jacó, com cão, com cabrito, com gato, até com Deus, mas com abelha?! Avilo, aquela kota tem!, manda as abelhas trabalhar, elas trabalham, puro negócio. Não tás a captar? Manda então vir mais birras.

A kota me desenrasca então uns almoços, na minha fome, minha desgraça que eu tive, depois te conto, a noite inda tá pra nascer. Primeiro, lá atrás do tempo, ela é que era a minha vizinha mais velha, onde pedíamos água gelada e telefonema, ché, marido dela boa pessoa, tratava bem todos miúdos, mesmo o meu velho lhe gostava. Naquele tempo telefone dava pra estranhar, sabes o quê, ficar no muro, fazer *chiiuuu* só pra ouvir telefone tocar? Nossa brincadeira — quem ouvia primeiro. Olha, esse que eu te falei, Burkina, mô camba, era um ndengue muito craque, via mais que todos à noite, tipo gato, lhe estigávamos de feiticeiro, o muadiê só ria, ouvia o telefone antes de tocar, só lhe víamos já o riso dele no lado esquerdo da boca como ele ri até hoje, e até aguentava melhor o jindungo na kitaba, nós lhe invejávamos e ele nos invejava: é que o muadiê, na escada do tempo, esqueceu de crescer.

Yá, nós alturámos, o gajo nada, se male mesmo, primeiro era só cambutismo, lhe estigávamos só dum coro, depois desistimos, aquilo já não era matéria de estiga — respeito só. O muadiê ficou grosso, mas só pra cada lado, e batia male, começou a ficar tipo maboque,

azedado, quase não falava. Mas era potente nas damas, xaxeiro de competência reconhecida até na Ilha, único que num era kiungueiro, só kinjango dele, avilo!, tava a nos meter respeito quanto mais nas damas! O nome dele depois, não sei quem descobriu, se estendia: BurkinaFaçam, brincadeiras com a pátria dos outros, mas esse nome a origem dele é a preguiça do Burkina, mesmo a professora já tinha lhe dito

*o teu problema não é a altura. É a preguicite aguda!*

Aquilo foi estiga ou quê!, nunca mais esquecemos, o Jáí decorou a frase, tipo duas semanas só falávamos já essas palavras difíceis, um dizia

*preguicite*

outro respondia

*aguda!*

távamos a se cumprimentar já assim e tudo, mesmo mais velhos tipo a KotaDasAbelhas a nos aconselharem *essa frase não dá pra tudo*

mas tás a ver, nós, candengues, queríamos gastar todo riso da frase, espremer-lhe as gotas da cócega, tudo também a espremer a paciência do Burkina.

Tens razão, vou voltar mais atrás, a kota, era isso mesmo que eu tava a falar, quer dizer, tenho que te contar também essas coisas todas, as recentes e as do antigamente, senão não vais captar e daqui a bocadinho vais querer me ruar da tua mesa... Tou ta chular birras?, não é isso, meu, calma só. Essa é a mais pura estória que vais ouvir, até vais pagar no fim pra eu te contar de novo, ou então vais querer que eu ponha mais outra estória, mas não dá, como esta..., como esta!, mô bróda, não tem igual mesmo.

Passa só uma de-bíers então.

A kota, nossa vizinha desde o tempo da barriga da minha mãe, sempre ali, casarão dela, o avilo dela cam-pou cedo, depois vieram as independências, estatuto

dela então ficou nos arrastos do tempo. Ela mesmo discreta, porreira como desde sempre, nossas águas geladas, mesmo fingia não nos ver, nós bué, fim da tarde, no quintal dela a gamar mangas. Avilo, foi ali naquele quintal, antes das damas, das manobras sexuais, ali aprendi a palavra *doçura*, aquela mangueira dizem era regada com chá de caxinde, mentira posta pelo kota Diarabí, mais velho da nossa rua, o cego mais vjú que já conheci — em 92 lhe apanhámos a esquivar bala; brincas?

Um dia as abelhas chegaram já, primeiro umas, depois as restantes, mais tarde a filharada toda. A kota então tava a se fingir de banqueira, dentro de casa, entrincheirada já e tudo, nós lhe berrávamos

*tá precisar d'alguma coisa...?*

ela sorria na janela de pó, sorriso antigo, limpo. A kota, olho e sheltox à espera, desentrincheirou veloz, na visão certa: como digo, viu a principal abelha, a kota tinha estudado bem as lições da antiga quarta classe dela, quem mata rei, rei fica, nunca ouviste assim? Pois, e a kota: a abelha rainha em voo distraído, a kota metralhou meia lata de sheltox — ou era flit? —, aquilo foi de ver e pedir bis: parecia era dança rebita, todas abelhas operárias e demais ao redor da kota, mesmo nenhuma picada, só *bzzz-bzzz* de respeito e dali pra diante, ela mesmo, pessoa e rainha, abelhas escravas dela — outros tempos, muadiê, outras tecnologias. Já viste varanda virar bizness? Ah pois!

Aquilo é a delícia toda — se provas a tua boca só quer já mais, ruína do teu bolso, aquele é mel dos céus, não é mais coisa de capurroto, porque maluvo, porque kimbombo, mais-velhos do Mussulo bem dados!..., ali é mel, e podes galar desde moto simson até carro de deputado a parar no passeio dela, buracos e tudo

*dona, tem mais daquele mel bom?*

até vais pensar que aquilo é pessoal do Brasil a chegar ali, eles que gostam de usar a palavra mel pra chamar a pura branquinha, a água que arde, não sabes?, porra, grande matumbo você: aguardente!

Bom, a tarde já se fez, vamos no prolongamento das coisas: não posso nunca esquecer a carraça, podes rir mesmo, mas essa carraça é que vai nos acompanhar e explicar tudo desde o início. O quê?, o início mais outra vez? Não tás a captar, avilo..., aqui todas pontas da rede são o próprio início, podes pegar de qualquer lado, então eu num comecei a te avisar que às vezes um gajo vai na pesca e chega em casa, tua mulher furiosa, tás atrasado, afinal trouxeste nuvem pra ela grelhar?! Ché!, vai te partir os cornos, vai chamar pai dela então. Calma só, já sei, teu cumbú, tu mesmo é que tás a patrocinar as ngalas, vamos só devagar, kuxacatamente: tenho que te apresentar a carraça. É que tá tudo ligado, muadiê, a vida é um mar picado e todas praias são filhas dele, tentáculos do mesmo polvo salgado — queres escolher qual?

Antes da carraça está o Cão. Antes do Cão está um outro gajo de seu nome então que dava também pra ser estigado: AdolfoDido!, tás a captar? Diz só rápido... Já captaste? Adolfo...Dido, Adolfo...Dido, tudo isso era a maka dos mais velhos porque iam ter que pronunciar a palavra já essa, fodido, e o muadiê mesmo nem sabia, esse nome é que ia lhe besuntar toda a vida de gente a lhe foder toda hora, tipo quarra mesmo, um gajo de azar na pele, fazer mais como então!

Esse Adolfo, nosso camba também. Nós então, Burkina, já te falei, o puro Jaí, que era albino, já te falei?, e o AdolfoDido. Então: ele foi dos primeiros visitantes na casa da KotaDasAbelhas, desarrumações dela lá dentro, conforme veio reportar logo depois da primeira visita. A kota era dada a animais: abelhas, negócio obrigatório

e safa de vida, e o Cão, avilo, dá medo só de contar, até hoje trememos e não falamos: o Cão — só assim, não tem nome e tem mais nome que nós dois juntos. Aguentas? Isso até vai pedir mais uma birra — venha ela.

Mas, assim, pensas que isto tudo é uma confusão, circo meu das palhaçadas, cabeçadas na lógica? Ainda vais rir, mas prepara também o teu coração pra chorar, a vida é mesmo esse laço apertado, tem dias que lhe conhecemos os segredos — lhe desapertamos, outros dias lutamos só, nossas derrotas e lágrimas, e ficamos a olhar: o pescador se irrita com os nós da rede? Isto tudo que eu te falo, não é efeito do álcool, não é com três nem sete que vais me derrubar; isto tudo que eu falo é assim mesmo, a mancha da confusão, labirinto, e há que descobrir as coisas no devagar das coisas: o amor não acende num fósforo sozinho. Vai só ouvindo os nomes que te ponho, a kota, os cambas, as abelhas, a carraça e o Cão. Jardim zoológico mais?

Agarra só a tua calma.

Te contava: esse mô camba Adolfo foi o primeiro a visitar a casa, os interiores do reino. Hoje lhe chamamos *reino*, porque tinha tudo lá dentro pra ser assim, mas não tou então a falar mais do caso da abelha morta, a rainha, e a rainha posta — a kota. Estou a falar dum rei então! Duvidas? O Cão, meu, aquele Cão virou rei. Nem que m'apontes a cabeça na pistola nunca vou saber dizer: porquê? Tens que perguntar na kota, posso te apresentar, casa dela na minha rua. Só não posso é t'apresentar o Cão, depois te explico porquê, pra não estragar os caminhos da estória, eu preciso de beber, avilo, e não é beber pra esquecer, é bem acontrário: beber pra lembrar, beber pra contar. Ai uê, meu rasto do passado: se te entorno aqui môs esgotos, minhas lavas, é que sempre me disseram: pra curar a ferida tens que lhe olhar no sangue dela. Mas assim, tanto?

Surpresa nossa, não sabíamos, o Cão era o dominante  
*tou vos a pôr avilos, espaço só dele, sala de televi-  
são, o maior quarto do cubíco. Aliás, aquilo é sala, só  
que foi transformada no quarto do Cão. Todos mam-  
bos: sofã, cobertor, comida com hora marcada, o puro  
mel e tudo. Porra, eu queria ser cão também!*

palavras do Adolfo sempre que saía do cubíco da  
KotaDasAbelhas. Às vezes, nem era sede nem nada, as  
curiosidades mesmo

*kota, tem água?*

e ela logo bem simpática

*entra só, filho, não tenhas medo das abelhas, elas  
não te mordem*

aquilo então era verdade, algumas tinham serviço  
extra, contornar a sala, catar moscas pra não incomodar  
o Cão. E ele na ex-sala, porta pouco aberta, ele, o dogue

*só o olhar, muadiê!, tá dar medo. Nunca cheguei  
de olhar mais que um pouco tempo, só pisca-pisca de  
olho, brilho nos olhos dele, calma raivosa, janela do  
diabo ou quê?*

Ahahah!, o AdolfoDido vinha borrado no medo de  
nos contar essas estórias assim dos olhos do Cão, o mu-  
adiê virava poeta, meu, o medo traz outras propriedades,  
nós só de sabermos qual era a janela correspondente  
com o Cão também já pouco olhávamos

*dá azar!*

sempre dizíamos. Aquilo era um senhor Cão, dono  
do mundo dele, quer dizer, a kota que era rainha de  
abelhas perdia estatuto ao pé dele, o filho da puta do  
Cão!

Mas, nestes presentes de agora é que tudo tem uma  
razão de ser contado, e uma razão de tristeza: todos des-  
confiamos que foi ali, nessas idas dele, que o Adolfo  
pegou então a doença que lhe foi matar. Só pode ser,  
eu nem acho que é feitiço ou coisas do outro mundo,

pra mim foi a carraça mesmo, tentaculista das febres do mal. Ah pois!, agora já entendes, né?, é por isso que eu te perguntava: uma carraça pode matar um gajo? E agora? Num queres responder?, então passa lá mais uma birra, vamos *lubrificar a locomotiva falatória*, como dizia o kota Odorico.

Quer dizer, a morte é sempre um de-repente, vamos fazer mais como então?, agora estamos aqui, daqui a bocadinho já podemos estar do outro lado do rio, meu camba Arlindo é que dizia

*a vida é uma jangada, veículo da curta travessia, temporal... mas: mesmo a jangada afunda.*

Aquilo foi muito repentino pra nós: sabes há quanto tempo não via o Burkina chorar? Nem lembro mais, foi por causa de estarmos a pinar na Ilha, e o muadiê não aguentou a estiga de não saber nadar. Quer dizer, se atirou só assim na água, bom mergulho mesmo, nós até ficámos admirados, nossas bocas abertas à espera que ele voltasse. E ali a corrente não era de brincadeira, quem ia pinar pra lhe buscar? Sabes? AdolfoDido. Aquilo foi por instinto, eu acho, ele não é nada das coragens, mesmo estórias que ele conta militares, tudo então pura ficção, *estórias bem verídicas*, como ele gostava de dizer. Saltou, mergulhou, demorou: a vida é bonita de lhe voltar a ver, eu vi duas, e o Burkina sem ares pra respirar, só aí na areia, não sabíamos que fazer

*tem que dar beijo da boca!*

mas quem ia dar beijo na cara feia do Burkina?

AdolfoDido de novo!, isso já foi coragem mesmo, tenho que admitir, Burkina então é um gajo feio, meu, não dá pra lhe beijar assim, lábios de homem com homem. Mas foi. E mudos, nem falámos mais. Voltámos só assim da praia, nosso segredo, e o Burkina, que não tinha palavras, chorava só: não era lágrima de medo, aquilo eram emoções, lágrima do agradecimento que as

palavras não podem falar. Você cala, chora só; nós lhe entendemos. O Adolfo nem disse nada, nem pusemos no Burkina mais estiga de nada relacionado com o mar, e vimos o Adolfo com outros olhos; nesse dia ele nos ficou adulto.

Desde esse dia nunca mais tinha visto o Burkina chorar. Só que a morte desbloqueia essas coisas, mecanismos das lágrimas, verdades que temos guardadas no nosso coração, o tudo e o tanto — podem mesmo nos fazer falar com uma pessoa que não conhecemos... A morte, muadiê, porra, dá medo!, o Burkina tava a chorar mesmo, lágrimas então parecidas com as desse dia da praia, então o muadiê que tinha lhe salvado das águas, tinha assim morrido sem lhe avisar, sem dar tempo do Burkina lhe devolver o beijo da boca? Meu, dias tristes, nosso desgosto, o albino Jaí tipo tava a ficar maluco, ele é que tava a dar as voltas do enterro, já até tava esquecer o antigo hábito de sempre procurar as sombras do dia, nunca parar na quentura do sol. Ai, nunca reparaste? Assim, meio-dia, os albinos pausam em baixo da árvore!... Mambos de pele, makas que nós desconhecemos, mas é preciso respeitar então, num ri só!

Yá, o Adolfo tinha campado, soubemos só assim, mujimbo de boca-em-boca...

Ou então deixinda arreuar pra te contar tudo mesmo: começámos na carraça, porque eu agora sei que foi da carraça, mas na altura ninguém sabia, tás a galar? Calma só, não é nenhuma confusão, são várias e muitas confusões; primeiro: o morto tinha duas damas; segundo, havia aquela maka das *viúvas do estado*, os guitos lá dos ex-combatentes, num tás a lembrar? Isso foi naquelas semanas das chuvadas, num tás a ver? Calma então, vou te localizar devidamente.

Foi durante essa chuva que ninguém já entendia, até tavam a dizer que era por causa da morte do man